NERVO ÓPTICO

MATERIAL EDUCATIVO

40 ANOS

ABR - JUL

2017

NERVO ÓPTICO: 40 ANOS

ANA ALBANI DE CARVALHO – CURADORA

Nervo. Tem por função transmitir estímulos sensoriais entre o cérebro e demais partes do corpo. Também significa tensão, agitação. Óptico. Olhar e ver. "As ideias estão no ar". Conexões nervosas: arte, vanguarda, juventude, política, resistência, conceito(s), imagem, fotografia, coletivo. O uso experimental da fotografia, do filme e de estratégias de comunicação, o caráter performático, proposições envolvendo livros de artista, instalações, o cuidado com as diferentes situações de exposição e apresentação da obra, a ironia como estratégia discursiva e poética. Elementos que operam como chaves para compreendermos a atuação do grupo *Nervo Óptico* durante a década de 1970 em Porto Alegre, RS.

Nervo Óptico é o título escolhido por Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Vera Chaves Barcellos e Telmo Lanes para denominar a publicação em forma de cartazete, impressa em off-set, em 13 edições mensais, distribuída gratuitamente, no Brasil e no exterior – aos moldes da arte postal – entre abril de 1977 e setembro de 1978, com tiragem de dois mil exemplares, financiada com recursos próprios ou através de apoios pontuais. Descrito por seus idealizadores como uma "publicação aberta a novas poéticas visuais", o *Nervo Óptico* investia na tipografia, fazendo uso da fotografia como linguagem principal. Cada edição do cartazete apresentou um trabalho desenvolvido especificamente por um artista, integrante do grupo idealizador ou convidado. Em sentido amplo, *Nervo Óptico* abarca o conjunto das ações protagonizadas pelo coletivo de artistas, desde o lançamento do texto-*Manifesto* em dezembro de 1976, durante a exposição *Atividades Continuadas*, passando pelo cartazete e pelas exposições realizadas até 1978, ano em grupo se desfaz.

A exposição *Nervo Óptico: 40 anos* assume a veiculação do *Manifesto* e a exposição *Atividades Continuadas* (1976) como marcos temporais e reúne obras produzidas pelos artistas que integraram o coletivo e idealizaram a publicação *Nervo Óptico* (1977/1978). Incluímos trabalhos anteriores, como a série fotográfica *Triancantho*, 1975, premiada no Salão de Artes Visuais da UFRGS, por seu caráter exemplar. Além das obras originais e documentos de época, apresentamos trabalhos refeitos posteriormente, possibilidade sempre ativada pelo negativo fotográfico. A curadoria segue o modelo dialogado, articulando as obras no espaço por critérios temáticos e conceituais, não cronológicos.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

ARTE / VANGUARDA

PALAVRAS-CHAVE
performance – espaço – fotografia

VERA CHAVES BARCELLOS

É por meio da percepção que o indivíduo organiza as suas impressões sensoriais, atribuindo a elas significados díspares, sempre em diálogo com as suas vivências, o seu conhecimento tácito, a sua visão de mundo. Percepção é aquisição, interpretação e seleção das informações obtidas pelos sentidos humanos. A partir da segunda metade do século XX, os artistas contemporâneos abolem por completo as frágeis fronteiras epistemológicas das artes visuais, anteriormente rompidas pelas vanguardas artísticas do início do mesmo século. Vera Chaves Barcellos, na série *On Ice* – trabalho em parceria com Flavio Pons e Claudio Goulart –, ao amalgamar diversas linguagens artísticas, técnicas e materiais, mostra a liberdade total conquistada pelos artistas contemporâneos. A arte não se reduz mais somente à obra em si: ela torna-se processo, ação, performance, privilegiando a livre percepção do espectador e remetendo ao que Umberto Eco chamou de obra aberta.

PROPOSTA 1 – O professor dividirá a turma em grupos, de modo que, depois de se organizarem, os grupos possam ser espectadores uns dos outros. A proposta é trabalhar jogos dramáticos e de expressão corporal com o feixe de luz de um projetor ou lanterna. Os alunos irão buscar a sua posição na luz, compreendendo que não estão sujeitos à influência dessa luz, mas que a luz é que está sujeita a eles. Enquanto uns se exercitam, outros membros do grupo devem filmar e fotografar. A apresentação final será constituída pelas imagens produzidas e selecionadas pelos elementos de cada grupo.

VERA CHAVES BARCELLOS (Porto Alegre, 1938) dedicou-se à gravura nos anos 60. Em 1975, com bolsa do *British Council*, estuda no *Croydon College*, em Londres. Com a série *Testarte* representa o Brasil na Bienal de Veneza (1976). Fez parte do grupo *Nervo Óptico*, desde seus antecedentes tendo participado de todas as suas atividades até sua extinção (1976 a 1978). Realiza desde os anos 1960 exposições individuais no Brasil, Estados Unidos, Japão, Colômbia, Argentina, Alemanha e Espanha assim como participa em coletivas na América Latina, América do Norte, Ásia e vários países europeus. Em 1986, traslada-se a Barcelona e, desde então, divide seu tempo entre temporadas entre a Europa e Brasil, realizando séries fotográficas, instalações e vídeos. Retrospectivas: *O grão da Imagem*, Santander Cultural, Porto Alegre (2007) e *Imagens em Migração*, no Museu de Arte de São Paulo (2009). Obras em museus no Brasil, no MACBA, Barcelona, e no Museu Reina Sofia, Madrid. Dirige uma Fundação de Arte Contemporânea, que leva seu nome, a Fundação Vera Chaves Barcellos, criada em 2004, no Rio Grande do Sul.

FILMES INDICADOS

Alphaville, dirigido por Jean-Luc Godard, 1965.
Blow Up, dirigido por Michelangelo Antonioni, 1966.
Um Cão Andaluz, dirigido por Luis Buñuel e Salvador Dalí, 1928.

LIVROS INDICADOS

BECKETT, Samuel. *Fim de Partida*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
CORTÁZAR, Julio. *O Jogo da Amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
SOULAGES, François. *Vera Chaves Barcellos: Obras Incompletas*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2009.

On Ice, 1978, fotografia. Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos.

VER NA HISTÓRIA DA ARTE Vanguarda, Dadaísmo, Arte performática.

CENTRO / PERIFERIA

PALAVRAS-CHAVE
paisagem – fotomontagem – metalinguagem

CLÓVIS DARIANO

Com a globalização, o sentido de centro/periferia sofreu modificações, não somente no âmbito das relações geopolíticas, mas também no campo da representação nas artes visuais. Sobreposição de imagens, colagens e apropriações são técnicas utilizadas que acabam por hibridizar o que antes era apartado, criando obras de arte de grande impacto visual, como, por exemplo, *Cena de Campo e porteira*, série *Paisagem sobre Paisagem* – 1978/2016.

PROPOSTA 2 – Solicite aos alunos que fotografem, utilizando o seu celular, uma paisagem e uma cena urbana. Após, peça que desenhem as duas imagens sobrepostas ou que as unam por meio de colagens e apropriações de outros materiais, tendo como regra a produção de um trabalho híbrido com origem em duas fontes distintas. A turma deverá fazer uma seleção dos trabalhos, organizando uma exposição e convidando outras turmas para um debate ou conversa sobre as peças em exibição.

CLÓVIS DARIANO (Porto Alegre, 1950) cursou o Instituto de Artes da UFRGS. Entre 1972 e 1973, realizou pesquisas em arte conceitual com Julio Plaza e estudou gravura em metal com Iberê Camargo. Fotógrafo, Dariano dirige o seu próprio estúdio desde 1970 e ministra cursos de extensão acadêmica sobre fotografia. Em 1976, participou das *Atividades Continuadas* no MARGS, juntamente com Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, evento no qual foi lançado o *Manifesto* com as proposições críticas dos artistas. Em 1977, participou da inauguração do Centro Cultural Alegrete, em Alegrete, RS. Em 1977/78, participou da produção coletiva dos cartazetes *Nervo Óptico*. Participou das filmagens do Filme Super-8 *Qual a coisa mais importante em sua vida*, em Taquara, RS, e da exposição na Galeria Eucatexpo com o grupo Nervo Óptico (Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Darinano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos). Em 1978, o grupo participou da exposição *Mixtos e Manias*, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS. Em 1994, acontece a mostra *Nervo Óptico – Poéticas Visuais*, na Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, RS. Realizou diversas exposições, como: *Fotografia Brasileira Contemporânea*, no Museu Nacional de Arte de La Paz, Bolívia (2000); *La Stette nel Mondo*, Projeto Toni Ferro Firenze, Milão, Itália (2003); *Anos 70 - Arte como Questão*, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2007), e *Objetos Inexplicáveis*, Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre (2015). Além disso, participou de mostras na Galeria Obra Aberta: *Algo Noir* (2000), *[bah]ZART contemporâneo* (2000) e *70's* (2001 - 2002). Na FVCB, participou de *ReVisões* (2006), *Um Ponto de Ironia* (2011), *Fotografia Transversa* (2014) e *Um salto no espaço* (2014). Em 2016, participou da exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo.

FILMES INDICADOS

A Hora da Estrela, dirigido por Susana Amaral, 1985.
Central do Brasil, dirigido por Walter Salles, 1998.
Terra em Transe, dirigido por Glauber Rocha, 1967.

LIVROS INDICADOS

FRANÇOIS, Soulage. *Estética da fotografia – Perda e Permanência*. São Paulo: SENAC, 2010.
NETO, João Cabral de Mello. *Morte e Vida Severina*. São Paulo: Alfaguara, 2008.
ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão, Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Cena de Campo e porteira, Série *Paisagem sobre Paisagem*, 1978–2016, fotografia. Coleção do artista.

VER NA HISTÓRIA DA ARTE Surrealismo.

COMUNICAÇÃO / NOVAS TECNOLOGIAS

ROMANITA DISCONZI

PALAVRAS-CHAVE
comunicação – signos – reprodução

A serigrafia *Girassol – leste/oeste*, de 1971, é uma composição de signos e símbolos, também utilizados, em profusão, pelo artista Rubem Valentim. Podemos pensar no movimento e na direção como temas já implícitos no título da obra. A apropriação de signos populares conecta, ainda, a obra da artista à produção da *Pop Art* americana dos anos 1960.

PROPOSTA 3 – Divida a turma em grupos e solicite aos alunos que elaborem uma composição gráfica (com desenho, recortes de jornal e revistas, etc.) que identifique seu grupo e aponte seus desejos para o futuro. Isso deverá ser feito com símbolos e ícones, sem o uso de letras ou palavras. Cada grupo deverá apresentar a sua composição, avaliando os resultados e tendo como critério principal o êxito do processo comunicacional.

ROMANITA DISCONZI (Santiago, 1940) formou-se em Pintura pelo Instituto de Artes da UFRGS em 1960. *Master in Fine Arts pela School of the Art Institute of Chicago*, é também doutora pela Escola de Comunicação e Artes da USP, 1991. Na segunda metade da década de 60 dedicou-se ainda à gravura, com ênfase em serigrafia. Sua primeira individual aconteceu na Galeria Leopoldina, em 1967. Residiu nos Estados Unidos, onde iniciou pesquisa sobre linguagem televisiva, transportando-a para a pintura. Em 1972, participou da *III Bienal Internacional del Grabado*, em Buenos Aires, e da *IV Bienal Internacional da Gravura*, em Cracóvia, na Polônia. Em 1976, participou das *Atividades Continuadas no MARGS*, juntamente com Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, ocasião em que foi lançado o *Manifesto* com as proposições críticas dos artistas. Em 1977, participou da inauguração do Centro Cultural Alegrete, em Alegrete, RS. Em 1977, entrou para o corpo docente do Instituto de Artes da UFRGS. A partir de 1979, passou a trabalhar também com vídeo e performance. Realizou a exposição individual *Pintura Pós-TV*, no MARGS, em Porto Alegre (1991). Em 1994, acontece a mostra *Nervo Óptico – Poéticas Visuais*, na Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, RS. Foi diretora do MARGS em 1995, e encontra-se representada na coleção do museu com peças gráficas, totens e sólidos geométricos. Realizou a mostra *A Natureza e a Sombra Sintética – Vídeos & Fractals*, no Paço Municipal de Porto Alegre (2008). Em 2016, participou da exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo. Na Fundação Veras Chaves Barcellos, participou das exposições: *Um Ponto de Ironia* (2011) e *Humanas Interlocuções* (2016).

FILMES INDICADOS

Dark Star, dirigido por John Carpenter, 1974.
Fahrenheit 451, dirigido por François Truffaut, 1966.
Solaris, dirigido por Andrei Tarkowsky, 1972.

LIVROS INDICADOS

BREADKAMP, Horst. *Teoria do Acto Icônico*. Lisboa: KKYM, 2015.
ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
PIGNATARI, Decio. *Informação. Linguagem.Comunicação*. São Paulo: Ed. Perspectiva, Col. Debates, 1971.

Girassol – leste/oeste, 1971, serigrafia. Coleção Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

VER NA HISTÓRIA DA ARTE *Vídeo art*, *Web art*, *Pop art*.

IMAGEM / OBJETO

TELMO LANES

PALAVRAS-CHAVE
apropriação – sociologia da arte – fotografia de imprensa

Nesta obra da série *Íntimo Exterior* (1978), Telmo Lanes apropria-se de uma imagem de jornal com uma cena de violência urbana. Introduz, para a composição da imagem, a sua unha sobre um cartucho de munição, estabelecendo uma relação entre o seu íntimo exterior (a unha) e a realidade violenta das grandes metrópoles, em um exercício que o artista identifica como sendo "um trabalho de investigação de anatomia social".

PROPOSTA 4 – Solicite aos alunos que escolham alguma imagem em jornais locais. Peça que acrescentem à imagem algum objeto pessoal que converse com a situação, criando, assim, uma nova imagem que articule o íntimo/pessoal com o coletivo/comunitário. Para o desfecho, fazer uma exposição com os trabalhos para as outras turmas da escola, discutindo as relações pessoais/comunidade/mídia e imprensa.

TELMO LANES (Porto Alegre, 1955). Nos anos 1970, pertenceu e foi um dos fundadores do grupo *Nervo Óptico*. Em 1976, participou das *Atividades Continuadas* no MARGS, juntamente com o grupo composto por Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Disconzi e Vera Chaves Barcellos, ocasião em que foi lançado o *Manifesto*, com as proposições críticas dos artistas. Em 1977, participou da inauguração do Centro Cultural Alegrete, em Alegrete, RS. Participou das filmagens do Filme Super-8 *Qual a coisa mais importante em sua vida,* em Taquara, RS, e da exposição na Galeria Eucatexpo com o grupo Nervo Óptico (Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Darinano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos). Em 1977/78 participou da produção coletiva dos cartazetes, contribuindo na publicação dos seguintes exemplares: n.1, n.5, n.8, n.10 e n.12. Em 1978, junto ao grupo *Nervo Óptico*, participou da exposição *Mixtos e Manias*, na Pinacoteca do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Brasil. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, entre elas: *Um dia eu volto*, instalação com Clóvis Dariano, no Espaço N. O., em Porto Alegre (1979); *III Salão Paulista de Arte Contemporânea*, em São Paulo (1985); *19ª Bienal Internacional de Arte em São Paulo* (1987) e *Pinturas na Galeria Arte&Fato*, em Porto Alegre (1990). Posteriormente ao encerramento das atividades do grupo *Nervo Óptico*, ainda aconteceram as mostras: em 1994, *Nervo Óptico – Poéticas Visuais*, realizada na Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil; e, em 2016, a exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo. Na Fundação Vera Chaves Barcellos, participou da exposição *Um Ponto de Ironia* (2011).

FILMES INDICADOS

O que é isso, companheiro?, dirigido por Bruno Barreto, 1997.
Pra Frente, Brasil, dirigido por Roberto Farias, 1982.
Zuzu Angel, dirigido por Sergio Rezende, 2006.

LIVROS INDICADOS

ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
GOMBROWICZ, Witold. *Ferdydurke*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

Íntimo Exterior, 1978, fotografia. Coleção do artista.

VER NA HISTÓRIA DA ARTE *Body art*.

COMUNICAÇÃO / INCOMUNICABILIDADE

CARLOS PASQUETTI

PALAVRAS-CHAVE
alteridade – incomunicabilidade – ironia

Carlos Pasquetti apresenta, em *Diálogos Silenciosos*, uma sequência de registros fotográficos que nos trazem todo um gestual cifrado e misterioso. O artista expõe aí as dificuldades comunicacionais inerentes aos seres humanos.

PROPOSTA 5 – Analise a obra juntamente com os alunos. Proponha que, em duplas, cada um escolha um assunto que deverá ser comunicado ao colega sem a utilização da linguagem verbal. Discuta com os alunos a importância da comunicação, da troca de experiências com o outro e com o mundo, e a importância do sentimento de alteridade como fundamento basilar das sociedades democráticas.

CARLOS PASQUETTI (Bento Gonçalves, 1948) é professor aposentado e ex-diretor do Instituto de Artes da UFRGS, além de *Master in Fine Arts MFA* pela *The School of the Art Institute of Chicago*, Illinois, Estados Unidos da América, 1981. Em 1976, participou das *Atividades Continuadas* no MARGS, juntamente com Carlos Asp, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, ocasião em que foi lançado o *Manifesto*, com as posições críticas dos artistas. Em 1977, participou da inauguração do Centro Cultural Alegrete, em Alegrete, RS. Participou das filmagens do Filme Super-8 *Qual a coisa mais importante em sua vida*, em Taquara, RS, e da exposição na Galeria Eucatexpo com o grupo Nervo Óptico (Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Darinano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos). Em 1977/78 participou da produção coletiva dos cartazetes *Nervo Óptico*. Em 1994, acontece a mostra *Nervo Óptico – Poéticas Visuais*, na Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, RS. Participou de exposições como: *Planos e ideias*, MARGS (1976); *Caminhos do Desenho Brasileiro*, MARGS (1986); *Objetos – Fotografias*, Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre (1999); exposição *Anos 70 – Arte como Questão*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo (2007); *Art Rio 2013*, no Rio de Janeiro (2013); *Doralice Collection +5!!*, na Pinacoteca Rubem Berta, Porto Alegre (2016). Foi sócio fundador da Galeria Obra Aberta, em Porto Alegre, onde participou das exposições *Energiczadores – Desenergiczadores* (1999), *Coletiva de 4 artistas* (1999), *70's* (2001/2002), e *Pintura Madura; Desenhos Al'Óglio; Polaroides;* Etc. (2002). Na FVCB, participou das seguintes exposições: *A Imagem Lúcida* (2006), *Não existem dois elefantes iguais* (2007/2008), *Silêncios* e *Sussurros* (2010), *Um Ponto de Ironia* (2011) e *DES|ESTRUTURAS* (2012). Em 2016, participou da exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo.

FILMES INDICADOS

Dr. Jekyll Mr. Hyde (O médico e o monstro), dirigido por Victor Fleming, 1941.
Medianeras, dirigido por Gustavo Taretto, 2011.
O Homem Invisível, dirigido por James Whale, 1933.

LIVROS INDICADOS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo*. São Paulo: Editora 34, 2015.
FONTCUBERTA, Joan. *O Beijo de Judas – Fotografia e Verdade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.
MELVILLE, Herman. *Bartleby, O Escrevente – Uma História de Wall Street*. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

Diálogos silenciosos (detalhe), 1974/1975, fotografia. Coleção Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.

➡ **VER NA HISTÓRIA DA ARTE** Arte existencial, *Fluxus*.

SER HUMANO / NATUREZA

MARA ALVARES

PALAVRAS-CHAVE
corpo – sequência – natureza

A série *Adansônias* propõe relações humano/natureza, o corpo e a paisagem. Mara Alvares, com sua formação em dança, utilizou, nessa época, imagens do corpo em diversas situações.

PROPOSTA 6 – Peça aos alunos para que identifiquem espaços da escola onde possam se esconder ou objetos e lugares com os quais possam se relacionar de forma diferente do cotidiano escolar e façam registros fotográficos deles. Oriente para que organizem uma exposição das imagens para a comunidade escolar, discutindo o uso desses espaços, as necessidades, os problemas, as soluções e as propostas criativas para um melhor aproveitamento da escola e de seu entorno.

MARA ALVARES (Porto Alegre, 1950) formou-se em Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS em 1973. Em 1976, participou das *Atividades Continuadas* no MARGS, juntamente com Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, ocasião em que foi lançado o *Manifesto*, com as posições críticas dos artistas. Em 1977, participou da inauguração do Centro Cultural Alegrete, em Alegrete, RS. Participou das filmagens do Filme Super-8 *Qual a coisa mais importante em sua vida*, em Taquara, RS, e da exposição na Galeria Eucatexpo com o grupo Nervo Óptico (Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Darinano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos). Em 1977/78 participou da produção coletiva dos cartazetes *Nervo Óptico*. Em 1978, o grupo participou da exposição *Mixtos e Manias*, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS. Em 1994, acontece a mostra *Nervo Óptico – Poéticas Visuais*, na Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, RS. Em 1979/1980, estudou performance e fotografia na *School of Art Institute of Chicago III*, nos Estados Unidos, onde concluiu mestrado em pintura, em 1993. Obteve o prêmio aquisição no *VII Salão Nacional de Artes Plásticas* da Funarte- RJ (1984). Foi professora de pintura no Instituto de Artes da UFRGS e participou do projeto *Singular no Plural II*, exposição coletiva de professores do IA (1997). Na Galeria Obra Aberta, em Porto Alegre, participou da exposição *[bah]ZART Contemporâneo* (2000) e da exposição *70's* (2001/2002). Participou da exposição *Anos 70 – Arte como Questão*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo (2007). Na FVCB, participou das exposições: *A Imagem Lúcida – fotografia contemporânea no acervo FVCB* (2006), *Silêncios* e *Sussurros* (2010), *Pintura: da matéria à representação* (2010), *Destino dos Objetos | O artista como colecionador e as coleções da FVCB* (2015), além de *Humanas Interlocuções* (2016). Em 2016, participou da exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo.

FILMES INDICADOS

Argentina, dirigido por Carlos Saura, 2015.
Pendular, dirigido por Julia Murat, 2017.
Sonhos em Movimento nos passos de Pina Bausch, dirigido por Anne Linsel e Rainer Hoffmann, 2012.

LIVROS INDICADOS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
CARVALHO, Ana Maria Albani (org.) – *Espaço N.O.*, Nervo Óptico – Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou Livro dos Prazeres*. São Paulo: Editora Rocco, 1998.

Série *Adansônias*, 1977, fotografia. Coleção da artista.

➡ **VER NA HISTÓRIA DA ARTE** Arte ambiental.

MEMÓRIA / PERSPECTIVA

CARLOS ASP

PALAVRAS-CHAVE
pintura – representação – cenografia

Carlos Asp, em Sem título (dec. 1970), utilizou o papelão como material para confecção da obra. Ela remete à ilusão, e o artista aproveita os efeitos da perspectiva e da profundidade, instaurando todo um ambiente mágico consonante com a representação da natureza. O uso de portas, janelas e umbrais como metáforas é recorrente tanto na história da arte como na literatura, e essas imagens podem ser interpretadas no sentido de uma transformação ou de uma mudança de condição existencial, algo inerente a toda experiência humana.

PROPOSTA 7 – Peça aos alunos que consigam caixas de papelão de grande porte, para construir um cenário. Eles podem também montar uma cenografia, incluindo personagens que dialoguem com o cenário e com a ação que poderá surgir a partir dessas construções. Criar pelo menos dois roteiros diferentes para apresentar a outras turmas.

CARLOS ASP (Porto Alegre, 1949) participou das *Atividades Continuadas* no MARGS, em 1976, juntamente com Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos, ocasião em que foi lançado o *Manifesto*, com as posições críticas dos artistas. Em 1977, participou da inauguração do Centro Cultural Alegrete, em Alegrete, RS. Participou das filmagens do Filme Super-8 *Qual a coisa mais importante em sua vida*, em Taquara, RS, e da exposição na Galeria Eucatexpo com o grupo Nervo Óptico (Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Darinano, Mara Alvares, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos). Em 1977/78 participou da produção coletiva dos cartazetes *Nervo Óptico*. Em 1978, o grupo participou da exposição *Mixtos* e *Manias*, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS. Em 1994, acontece a mostra *Nervo Óptico – Poéticas Visuais*, na Pinacoteca do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre, RS. Na FVCB, participou das exposições: *Silêncios e Sussurros* (2010), *Destinos dos Objetos I O artista como colecionador e as coleções da FVCB* (2015) e *Humanas Interlocuções* (2016). Foi professor do Centro de Artes da UDESC. Em 2016, participou da exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo. Entre suas exposições individuais recentes estão: *Planos ASP - There will be a light*, Museu do Trabalho, Porto Alegre (2006), e *in Útil Paisagem*, Museu Victor Meirelles, Florianópolis (2017).

FILMES INDICADOS

A Queda da Casa de Usher, dirigido por Roger Corman, 1960.
Alice no País das Maravilhas, dirigido por Tim Burton, 2010.
O Discreto Charme da Burguesia, Luis Buñuel, 1972.

LIVROS INDICADOS

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
ICLE, Gilberto (org.). *Pedagogia da Arte: entre lugares da criação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
FLORIÊNSKI, Pável. *A Perspectiva Inversa*. São Paulo: Editora 34, 2012.

Sem título, déc. 1970, acrílica sobre papel corrugado. Coleção Fundação Vera Chaves Barcellos.

VER NA HISTÓRIA DA ARTE Arte *Junk*.

POLÍTICA / RESISTÊNCIA

JESUS ESCOBAR

PALAVRAS-CHAVE
xilogravura – composição – *design* gráfico

Jesus Escobar, em Sem título (1976), xilogravura de um acurado apuro técnico, estabelece um diálogo com temas e elementos comuns à comunicação de massa, com o contexto geopolítico dos anos 1970 e com a *Pop art*.

PROPOSTA 8 – Pesquisar sobre a história na América Latina nos anos 70. Proponha aos alunos a confecção de cartazes que definam o período, estimulando a transformação de informações escritas em composições gráficas.

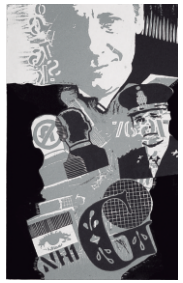
JESUS ESCOBAR (República de El Salvador, 1956) veio para o Brasil em 1975, por meio de convênio cultural, para estudar no Instituto de Artes da UFRGS. No ano seguinte, integrou a mostra 76, no Centro Acadêmico Tasso Corrêa, da mesma instituição. Em 1976, participou das *Atividades Continuadas* no MARGS, com o grupo composto por Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos. Durante o evento, os artistas distribuíram ao público um texto-manifesto, também veiculado pela imprensa, com um posicionamento crítico sobre a arte e suas relações com o mercado. Assim como Romanita Disconzi, Escobar não integrou o grupo de artistas que produziu o cartazete *Nervo Óptico* (1977-1978). Em 1977, obteve menção honrosa no *I Salão de Desenho do RS*, no MARGS. Neste mesmo ano, participou do *IV Salão de Artes Visuais – UFRGS* e da *Coletiva da Madeira*, na Assembleia Legislativa Estadual do RS, Porto Alegre. Representou seu país de origem na *I Bienal Americana de Grabado*, em 1978, em Mendoza, Argentina. Em 2015, participou, na Sala dos Pomares da FVCB, da exposição *Destino dos Objetos | O artista como colecionador e as coleções da FVCB*. Em 2016, participou da exposição *Nervo Óptico: 40 anos*, no Centro Cultural São Paulo.

FILMES INDICADOS

A História Oficial, dirigido por Luis Puenzo, 1985.
Chove sobre Santiago, dirigido por Helvio Soto, 1974.
Lamarca, dirigido por Sérgio Rezende, 1994.

LIVROS INDICADOS

PAIVA, Marcelo Rubens. *Feliz Ano Velho*. São Paulo: Alfaguara, 2015.
TORRES-GARCÍA, Joaquim. *Abstrato/Concreto*. Casa da Memória da Arte Brasileira, 2012.
SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. São Paulo: Bertand Brasil, 2008.



Sem título, déc. 1976, xilogravura. Coleção Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.

VER NA HISTÓRIA DA ARTE Letrismo.

GLOSSÁRIO

Alteridade – É a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende do outro. "A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos 'evidente'. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de 'natural'. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única".

Arte Ambiental – A arte ambiental não faz referência a um movimento artístico particular, mas sinaliza uma tendência da arte contemporânea que se volta mais decididamente para o espaço – incorporando-o à obra e/ou transformando-o –, seja ele o espaço da galeria, o ambiente natural ou as áreas urbanas. Diante da expansão da obra no espaço, o espectador é convocado a se colocar dentro dela, experimentando-a, não como observador distanciado, mas como parte integrante do trabalho.

Arte Existencial – A linguagem do existencialismo – remetendo a autenticidade, angústia, alienação, absurdo, náusea, transformação, metamorfose, ansiedade, liberdade – tornou-se a linguagem da crítica de arte, à medida que os escritores transpunham para as palavras a experiência de confrontar as suas criações. Para Sartre e outros, o artista, encarado como alguém que busca sempre novas formas de expressão, encenava continuamente a condição existencial do homem. O que deu a esses artistas um sabor existencial não foi o estilo, mas o estado de espírito e a reflexão quanto às obras de arte.

Arte *Junk* – Surgiu nos EUA, na década de 1960, defendendo que qualquer objeto ou material pode servir para a obra de arte, como acontece nas colagens. As *junk sculptures* recorrem a materiais abandonados, sucatas, ferros velhos, canos, aspiradores de pó e restos de automóveis, que são usados como alegorias das megacidades e seus ambientes degradados e poluídos.

Arte Performática – No contexto das artes, o termo performance designa as apresentações que incorporam dança, canto, teatro, mágica, mímica, malabarismo, etc. Seu executante seria o *performer*. Os dadaístas e a vanguarda russa, já no início do século XX, realizavam *performances*. Na segunda metade do século XX, surge um gênero artístico nos Estados Unidos, com características específicas, denominado *performance art*. Alguns teóricos, como Jorge Glusberg, porém, consideram que tal manifestação artística tem sua origem já na antiguidade.

Body Art – Do inglês, arte do corpo. É uma manifestação das artes visuais em que o corpo do próprio artista é utilizado como suporte ou meio de expressão. Surgiu em meados da década de 1960, como uma das mais controvertidas formas de arte a se disseminar. Em uma abordagem mais específica, surgiu como reação à impessoalidade da arte conceitual e do minimalismo, mas, a partir de uma análise mais ampla, tem sido considerada, na verdade, como um prolongamento destes. Suas origens encontram referências na premissa de Marcel Duchamp de que "*tudo pode ser usado como uma obra de arte*", inclusive o corpo. Além de Duchamp, pode ser considerado precursor da *Body art* o francês Yves Klein, que usava corpos femininos como "pincéis vivos".

Cenografia – É a arte de projetar e construir cenários para espetáculos teatrais ou cinematográficos. Pelo cenário, podemos identificar a época em que se passa a história, o local e até mesmo a personalidade dos personagens.

Dadaísmo – O Dadaísmo ou Movimento Dadá (Dada) foi um movimento da chamada vanguarda artística moderna, iniciado em Zurique, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, no *Cabaret Voltaire*. Era formado por um grupo de escritores, poetas e artistas plásticos – dois deles desertores do serviço militar alemão – liderados por Tristan Tzara, Hugo Ball e Hans Arp. O principal problema de todas as manifestações artísticas estava, segundo os dadaístas, em almejar algo que era impossível: explicar o ser humano. Na esteira de inúmeras outras afirmações retumbantes, Tzara decreta: "*A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque a beleza está morta*". No seu esforço para expressar a negação de todos os valores estéticos e artísticos correntes, os dadaístas usaram, com frequência, métodos deliberadamente incompreensíveis. Nas pinturas e esculturas, por exemplo, tinham por hábito aproveitar pedaços de materiais encontrados pelas ruas ou objetos que haviam sido jogados fora. Foi na literatura, porém, que o ilogismo e a espontaneidade alcançaram sua expressão máxima: no último manifesto que divulgou, Tzara disse que o grande segredo da poesia é que "o *pensamento se faz na boca*".

Fluxus – A palavra, em latim, significa "fluxo". Foi um movimento artístico de cunho libertário, caracterizado pela mescla de diferentes artes, primordialmente no campo das artes visuais, mas também incorporando música e literatura. Os artistas proclamavam-se contra o objeto artístico tradicional, entendido como mercadoria, e a favor do que chamavam a antiarte. *Fluxus* foi informalmente organizado em 1961, pelo lituano George Maciunas (1931-1978), na *Revista Fluxus*, estendendo-se para os Estados Unidos, Europa e Japão. Outros organizadores do início do *Fluxus*: George Brecht, John Cage, Jackson Mac Low e Toshi Ichijanagi, que promoviam palestras, performances, música e eventos de poesia visual. Mais tarde, outros se associaram ao grupo, como Joseph Beuys, Dick Higgins, Gustav Metzger, Nam June Paik, Wolf Vostell e Yoko Ono. Allan Kaprow e Marcel Duchamp foram os criadores dos primeiros *happenings*, e o estilo dos artistas e da teoria do *Fluxus* foi muito comparado tanto à estética do Dadaísmo como à da *Pop art*. Enquanto, no início, ao longo das décadas de 1960 e 1970, o *Fluxus* se concentrava nos grandes centros urbanos, a partir da década de 1990 a comunidade *Fluxus* começou a se reorganizar através da internet e de comunidades *on-line* em todo mundo, trocando experiências reais de poesias visuais, performances culturais, música e vídeo (*mail art*). Além dos experimentos do *Fluxus* influenciarem fortemente as artes visuais e a música, através de nomes como Beuys e Cage, é notável sua influência na poesia universal até os dias de hoje.

Ficção – É o termo usado para designar uma narrativa imaginária, irreal, ou para redefinir obras (de arte) criadas a partir da imaginação. Em contraste, a não-ficção reivindica ser uma narrativa factual sobre a realidade. Obras ficcionais podem ser parcialmente baseadas em fatos reais, mas sempre contêm algum componente imaginário. No cinema, ficção é o gênero que se opõe ao documentário. Existe, no cinema e em televisão, um gênero híbrido, designado *docuficção*.

Fídias – Foi um célebre escultor da Grécia Antiga. Sua biografia é cheia de lacunas e incertezas. O que se tem como certo é que teria sido o autor de duas das mais famosas estátuas da Antiguidade, a *Atena* e o *Zeus Olímpico*. Nenhuma de suas obras originais sobreviveu até o presente, salvo os grupos escultóricos do Partenon, mas não se sabe em que medida ele participou pessoalmente de sua execução. Algumas partes, em particular, lhe têm sido atribuídas, sem qualquer garantia, e, a considerar a quantidade de peças, a relativa rapidez com que foram esculpidas e seu envolvimento concomitante e direto com a gigantesca *Atena Partenos*, o mais provável é que sua própria mão pouco as tenha tocado, ainda que a homogeneidade dos conjuntos sugira fortemente uma única

personalidade criadora na concepção geral da decoração. Fídias é tido como um dos fundadores e um dos mais perfeitos expoentes do alto classicismo na escultura, sendo louvado, desde quando vivo até os dias de hoje, como um dos mais importantes escultores do ocidente.

Incomunicabilidade – Característica ou condição de quem ou do que está incomunicável; inacessibilidade. Atributo da misantropia.

Ironia – Figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empregado, para definir ou denominar algo. A ironia se sobressai pelo contexto, bem como pela entonação da fala.

Fotografia – Consiste, essencialmente, na técnica de criação de imagens por meio de exposição luminosa, fixando-as em uma superfície fotossensível. A primeira fotografia reconhecida remonta ao ano de 1826 e é atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce. Contudo, a invenção da fotografia não é obra de um só autor, mas um processo de acúmulo de avanços por parte de muitas pessoas, trabalhando juntas ou em paralelo, ao longo de muitos anos. Atualmente, a introdução da tecnologia digital tem modificado drasticamente os paradigmas que norteiam o mundo da fotografia. A simplificação dos processos de captação, armazenagem, impressão e reprodução de imagens, aliada à facilidade de integração com os recursos da informática – como organização em álbuns, incorporação de imagens em documentos e distribuição via Internet –, têm ampliado e democratizado o uso da imagem fotográfica nas mais diversas aplicações. A incorporação da câmera fotográfica aos aparelhos de telefonia móvel tem definitivamente levado a fotografia ao cotidiano particular do indivíduo. A fotografia a cores reproduz, em mídias impressas ou digitais, as cores reais (sem o uso de filtro) no momento da captura da imagem. Em equipamento analógico, faz uso de filme colorido, enquanto que, no equipamento digital, configura a programação padrão. Os experimentos iniciais em cores não puderam fixar a fotografia nem resguardar a cor de um progressivo enfraquecimento. A primeira fotografia colorida permanente foi tirada em 1861, pelo físico James Clerk Maxwell. O primeiro filme colorido, o *Autocromo*, não chegou ao mercado antes de 1907. Era baseado em pontos tingidos de extrato de batata. O primeiro filme colorido moderno, o *Kodachrome*, foi introduzido em 1935, baseado em três emulsões coloridas. A maioria dos filmes coloridos modernos, exceto o *Kodachrome*, são baseados na tecnologia desenvolvida pela *Agfacolor* em 1936. O filme colorido instantâneo foi introduzido pela *Polaroid*, em 1963.

Fotomontagem – É o processo (e resultado) de se fazer uma composição fotográfica ao cortar e reunir um determinado número de outras fotografias. A imagem composta é, às vezes, novamente fotografada para que a imagem final seja convertida de volta ao formato fotográfico. Um método similar, mas que não emprega filme, é realizado atualmente através de *softwares* de edição de imagem.

Jogo Dramático – É aquele *fazer de conta* que não possui intencionalidade de exibição para a plateia. Trata-se de uma representação lúdica, de natureza dramática, que busca satisfazer as necessidades afetivas, cognitivas e psicomotoras dos participantes.

Letrismo – É um estilo artístico cujos princípios foram desenvolvidos na Romênia pelo poeta, pintor e cineasta romeno Isidore Isou, em 1942, quando o artista tinha apenas dezesseis anos. O estilo tornou-se moda e espalhou-se pela Europa. Surge como oposição ao controle de André Breton sobre o Surrealismo e tende ao Dadaísmo, opondo-se à palavra e à significação, buscando o onomatopaico e o fonético. O movimento ganhou força e acabou migrando também para as artes visuais, no qual obras experimentais com letras e pinturas se fundiram. Experiências semelhantes, anteriores ao *Letrismo*, já haviam sido muito exploradas por poetas e artistas visuais e/ou fonéticos do Futurismo, do Dadaísmo e das vanguardas russas. Influenciou movimentos de esquerda não stalinistas, como a Internacional Situacionista, dedicada a desenvolver na arte o legado revolucionário do Dadaísmo e do Surrealismo.

Metalinguagem – Linguagem que serve para descrever ou falar sobre uma outra linguagem, natural ou artificial. A metalinguagem é usada quando se deseja falar da própria linguagem.

Nervo óptico – É o segundo dos doze pares cranianos presentes em nosso cérebro. De função sensitiva, este nervo capta as informações através dos cones e bastonetes presentes na retina, que são estimulados pela luz projetada em objetos. As informações visuais são captadas e enviadas ao lóbulo occipital do cérebro, para as áreas que são responsáveis por processar esta informação, gerando resultados de cor, forma, tamanho, distância e noções de espaço. Esse nervo é formado por um conglomerado de fibras nervosas que nascem nas células ganglionares da retina. Todas essas fibras agrupadas convergem ao disco óptico, atravessam a coróide e a esclera e constituem, na sua emergência do globo ocular, um cordão voluminoso arredondado chamado nervo óptico.

Personagem alegórico – A alegoria é uma figura de linguagem caracterizada pela representação concreta de uma ideia abstrata, ou seja, é uma personificação simbólica. No teatro alegórico utilizam-se situações concretas e personagens alegóricos para representar ideias abstratas.

***Pop art* ou Arte pop** – É um movimento artístico surgido na década de 1950, na Inglaterra, mas que alcançou sua maturidade na década de 1960, nos Estados Unidos. A *Pop art* propunha que se admitisse a crise da arte que assolava o século XX. Desta maneira, pretendia demonstrar com suas obras a massificação da cultura popular capitalista. Procurava a estética das massas, tentando achar a definição do que seria a cultura pop, aproximando-se do que se costuma chamar de *kitsch*. Diz-se que a *Pop art* é o marco de passagem da modernidade para a pós-modernidade na cultura ocidental. A defesa do popular traduz uma atitude artística adversa ao hermetismo da arte moderna. Ela operava com signos estéticos de cores inusitadas, massificados pela publicidade e pelo consumo, usando, como materiais principais, gesso, tinta acrílica, poliéster, látex, produtos com cores intensas, fluorescentes, brilhantes e vibrantes, reproduzindo objetos do cotidiano em tamanho consideravelmente grande.

Signo – Na interpretação da semiótica, é tudo que aparece ou se manifesta ao ser humano, no seu cotidiano, sendo captado por meio dos seus sentidos e podendo ser considerado como pensamentos ou ideias. Pode ser classificado em: *Índex ou Índice*, quando mantém uma relação direta com o seu referente ou com a coisa que produz o signo (exemplo: solo molhado – indício de que choveu); *Ícone*, quando possui alguma semelhança ou analogia com o seu referente (exemplo: uma fotografia); *Símbolo*, quando a relação com o referente é arbitrária, convencional. As palavras faladas ou escritas, em sua maioria, são símbolos. Charles Sanders Pierce desenvolveu uma classificação geral dos signos. Sendo um signo, "símbolo" é sempre algo que representa outra coisa (para alguém). O "símbolo" é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que sejam reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (religioso, cultural etc.). Pode ser também um objeto que substitui, representa ou sugere algo.

Surrealismo – Foi um movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas grandes

guerras mundiais. Reunia artistas anteriormente ligados ao Dadaísmo e ganhou dimensão mundial. Fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939), o Surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa. Um dos seus objetivos foi recuperar uma arte que, segundo o movimento, estava sendo destruída pelo racionalismo. O poeta e crítico André Breton (1896-1966) era o principal líder e mentor desse movimento. A palavra *surrealismo* supõe-se ter sido criada em 1917, pelo poeta Guillaume Apollinaire (1886-1918), jovem artista ligado ao cubismo e autor da peça teatral *As Mamas de Tirésias* (1917), considerada uma precursora do movimento, cujo principal documento é o *Manifesto Surrealista*, de 1924. Além de Breton, seus representantes mais conhecidos são Antonin Artaud, no teatro; Luis Buñuel, no cinema; e Max Ernst, René Magritte e Salvador Dalí, no campo das artes plásticas.

Vanguarda – Termo originário do francês *avant-garde*. Significa, literalmente, a guarda avançada ou a parte frontal de um exército. Seu uso metafórico data de inícios do século XX, referindo-se a setores de maior pioneirismo, consciência ou combatividade dentro de um determinado movimento social, político, científico ou artístico. Nas artes, a vanguarda produz a ruptura de modelos preestabelecidos, defendendo formas antitradicionais de arte e o novo nas fronteiras do experimentalismo.

Testarte – Série de trabalhos realizados por Vera Chaves Barcellos. O primeiro *Testarte* foi produzido em 1974, configurando sete lâminas com imagens, complementadas por perguntas de teor psicológico a serem respondidas pelo espectador – em exibição na exposição *Nervo Óptico: 40 anos*. Em 1976, a artista representou o Brasil, na Bienal de Veneza, com o *Testarte*.

MATERIAL EDUCATIVO
NERVO ÓPTICO: 40 ANOS

Curadoria
Ana Albani de Carvalho

Coordenação de Projeto e Produção
Carolina Biberg

Assistente de Produção
Thaís Franco

Textos e Pesquisa
Ana Albani de Carvalho
Margarita Kremer
Yuri Flores Machado

Revisão de Textos
Andrei Moura
Carla Severo Trindade
Carolina Biberg

Projeto Gráfico
Thaís Franco

Fotografia da capa
Clóvis Dariano

Grupo do Manifesto – capa
Da esquerda para a direita
(*em cima*)
Carlos Pasquetti
Jesus Escobar
Telmo Lanes
Clóvis Dariano
(*embaixo*)
Carlos Asp
Romanita Disconzi
Vera Chaves Barcellos
Mara Alvares

fvcb

Diretora Presidente
Vera Chaves Barcellos

Diretora Cultural
Neiva Bohns

Diretor Administrativo
Carlos Renato Hees

Coordenação de Projetos e Produção
Thaís Franco

Comunicação
Andrei Moura

Programa Educativo
Margarita Santi Kremer
Yuri Flores Machado

Reserva Técnica – Acervo
Fernanda Porto Campos
Fernanda Soares da Rosa

Centro de Documentação e Pesquisa
Fernanda Medeiros

ANOTAÇÕES

Exposição **Nervo Óptico: 40 anos**
Curadoria Ana Albani de Carvalho
De 01 de abril a 22 de julho de 2017.

fvcb
fundação vera chaves barcellos

Sala dos Pomares
Av. Senador Salgado Filho, 8450 | CEP 94440-000
Viamão | RS | Brasil | Fone: +55 51 98229.3031/ 99949.0348
Administração e Centro de Documentação e Pesquisa
Av. Julio de Castilhos, 159 / 6º andar | CEP 90030-131
Porto Alegre | RS | Brasil | Fone: +55 51 3228.1445
info@fvcb.com | www.fvcb.com